



EVANGELHO e AÇÃO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA FRATERNIDADE ESPÍRITA
IRMÃO GLACUS FUNDADO EM ABRIL DE 1988 — RUA
HENRIQUE GORCEIX, 30 — PADRE EUSTÁQUIO CEP:
30.750 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS



ANO V

MARÇO/ABRIL/1994

Nº 34

CONSTRUINDO O FUTURO



O 1º andar do Pavilhão José Grosso está sendo equipado para iniciar suas atividades na área de saúde

A Fraternidade Espírita Irmão Glacus está concluindo mais uma etapa do seu crescimento. Os cursos de profissionalização já estão funcionando como matéria do Colégio Rubens Romanelli e dentro de pouco tempo irão se expandir para a região do Ressaca. Em médio prazo teremos datilógrafos, bombeiros, marceneiros e eletricitistas prediais no mercado de trabalho, formados pela Fundação Espírita Irmão Glacus que, conforme programado vem cumprir sua função, ESCOLA. Lembrando ainda o curso de Computação que já está em funcionamento.

Outra etapa que vem sendo vencida é a finalização do ambulatório médico, odontológico, psiquiátrico, farmacológico e de patologia clínica, já com sua estrutura física pronta para funcionamento e tornando-se um Complexo de Saúde com capacidade de beneficiar uma região de 68 bairros com aproximadamente 220.000 habitantes. Mas para isso, as necessidades são variadas — remédios, instrumentos, móveis e o mais importante — profissionais da área

de saúde que, como tarefas, possibilitem a FEIG cumprir parte de sua função HOSPITAL.

A Gráfica Fraternidade vem se estruturando e está pronta para receber solicitações de serviços que, com seu maquinário avançado, oferece qualidade. É a função MANUTENÇÃO DAS ATIVIDADES que precisa ser cumprida.

Analisando estes diversos âmbitos em que a FEIG vem atuando — ESCOLA, HOSPITAL, OFICINA E LAR CRISTÃO, surge o questionamento: Qual é a nossa real colaboração nesta realidade?

Outro dia comentavam conosco sobre as diversas fases da história da FEIG e os diversos perfis de tarefas que as circunstâncias requerem, conforme as necessidades da Casa.

No início era preciso uma determinação e uma disposição para fazer as coisas acontecerem, "colocar a mão na massa", levantar paredes, construir, crescer e conquistar espaço na vida das pessoas. E como foi bem cumprido

da esta etapa!...

Hoje crescemos, construímos e fazemos parte efetivamente da vida de centenas de pessoas — tarefas, assistidos e alunos. Somos um complexo de atividades que ainda não cresceu tudo que podia crescer, mas que precisa, antes de tudo, de se consolidar, se fortalecer.

O que permanece como início é a necessidade da determinação e a disposição para fazer as coisas acontecerem, com uma preocupação a mais: quanto maiores as estruturas, maior é a necessidade da clareza de objetivos e da união dos corações.

Como a espiritualidade amigável vem sempre reforçando. é

esta união de propósitos e de corações a base para o trabalho deles, possibilitando a intuição e direcionamento das atividades.

Somos corações com histórias e expectativas diferentes. Somos muitos departamentos com atribuições e necessidades diferentes, que formam um todo, que é o que teremos em comum e o que é mais importante — a FRATERNIDADE ESPÍRITA IRMÃO GLACUS que com seu lema EVANGELHO E AÇÃO nos conclama a cada instante à renovação e ao trabalho edificante.

EVANGELHO E AÇÃO SEMPRE!

Miriam Nunes

EDITORIAL

Neste mês da Doutrina Espírita, queremos agradecer a Jesus a bendita oportunidade de engrandecermos a fileira dos seguidores dessa doutrina consoladora.

É através dela que conseguimos levar adiante as obras beneficentes e o nosso conhecimento e evolução espiritual.

A fé raciocinada e as obras que brotam dessa fé têm sido a meta dessa casa amiga que é a casa de Glacus.

Quando nos propusemos a educar jovens, preparando-os para um futuro melhor, sabíamos que seria um grande desafio.

Não tem sido fácil manter toda a estrutura que proporciona essa educação laboriosa aos nossos jovens mais carentes.

Mas temos contado sempre com os espíritos amigos e os colaboradores fiéis da nossa casa.

Atarefa é árdua mas agradável aos nossos espíritos. E nos per-

calços do caminho temos encontrado sempre mãos amigas que se estendem carinhosamente para nós a cada grande necessidade.

Os dias de hoje configuram-se difíceis e longos, mas a alegria de vencer cada obstáculo nos coloca novamente à frente dos empreendimentos que são responsabilidade de todos nós. E nessa luta não temos tempo de enxergar as lamúrias do dia-a-dia.

Olhamos sempre para o futuro, pois ninguém constrói para hoje.

Queremos que o nosso legado seja bom e que dê muitos frutos. Para isso contamos sempre com os espíritos bondosos que amparam a todos nós que nos encontramos na lida por alguma melhora espiritual.

Sabedores de que estamos no caminho certo, agradecemos a Jesus a oportunidade que nos foi dada.

Que Ele nos ampare sempre.

O Nosso Dia-a-Dia

Resumimos a seguir as nossas tarefas de auxílio ao próximo:

. Creche Casulo: aproximadamente 100 crianças - Mentora: Meimei.

. S.O.S. Preces: terapia pelo telefone 462.6868, de 8 às 23h - Mentor: Bezerra de Menezes.

. Ambulatório Odontológico: com atendimento diário - Mentor: Vasco da Silva Araújo.

. Ambulatório Médico: com atendimento três vezes por semana - Mentor: Dias da Cruz.

. Sopa aos mais carentes: todos os sábados - Mentor: José Grosso.

. Distribuição de roupas, alimentos, calçados, etc.

. Construção de moradias

. Corte de cabelo e unhas

. Curso de datilografia

. Curso para gestante e recém-nascido - Mentora: Maria Dolores.

. Reuniões Públicas, de segunda a sexta-feira às 20h,

com receituário espiritual e passes.

. Reuniões Públicas da Mocidade, sábado às 17h - Mentora: Joanna de Ângelis.

. Evangelização para crianças em diversos níveis - Mentora: Meimei.

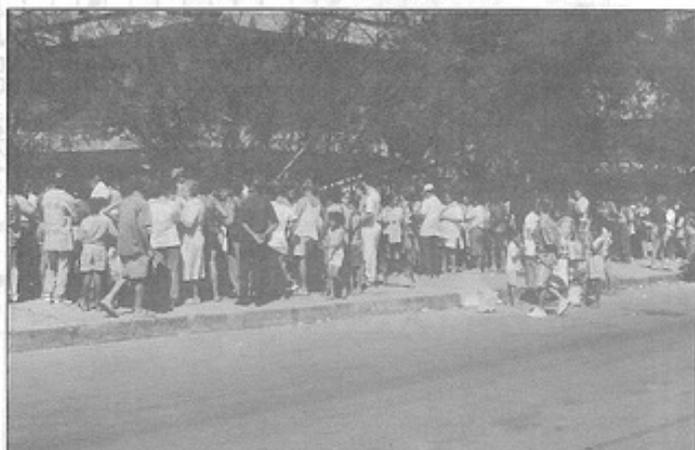
. Reuniões de Educação Mediúnica: três reuniões às segundas-feiras - Mentores: Antônio Alves, Dias da Cruz e Cícero Pereira, duas reuniões às quartas-feiras - Mentores: Calimério e Maria Rothéa.

. Duas reuniões às sextas-feiras - Mentores: Virgílio de Almeida e Leonardo Baumgratz.

. Duas reuniões aos sábados - Mentores: Jacques Aboab e José Rocco.

. Reuniões de Tratamento Espiritual: uma reunião às quartas-feiras - Mentor: Eurípedes Barsanulfo, e uma reunião aos sábados - Mentora: Maria Rothéa.

. Reunião de Estudos de Audiência - Mentor: Eugênio



Um grande número de pessoas já procura a Fundação Espírita Irmão Glacus.

. Campanha do Quilo: Mentor: Palminha.

. Livraria: Mentor: Rubens Costa Romanelli.

. Biblioteca: Mentor: Otto Baumgratz.

. Reunião de Culto no Lar: Sábados às 16:00 horas: Mentor: Rafael Américo Ranieri

Em nossos objetivos futuros incluem ainda:

. Um colégio de 1^o e 2^o

graus para 2700 alunos, já em funcionamento parcial.

. Um colégio profissionalizante para 2.300 alunos.

. Ambulatório para atendimento integral ao doente.

. Creche já em funcionamento.

Todo atendimento realizado pela Fraternidade Espírita Irmão Glacus é inteiramente gratuito e sem fins lucrativos. Maiores informações através do telefone (031) 462.4327.

EVANGELHO EM AÇÃO

Publicação bimestral da Fraternidade Espírita Irmão Glacus Editado pela Diretoria de Divulgação

Presidente:

Alfredo Gaviomo Freitas

Diretor de Divulgação:

Sérgio Marques Nascimento

Coordenadora:

Neiry Teixeira

Editora Responsável:

Cristina Maria Camargos Diniz e Silva

Jornalista:

Edna Mara Rocha Feres Ragil - reg.

4.017

Equipe de Redação

Enio Wendling

Tânia Regina Leroy Gatti

Miriam d'Ávila Nunes

Luiz Carlos N. Freitas

Pedro Quezado F. Junior

Expedição:

F.E.I.G.

Revisão: Neiry Teixeira e Vasco

Araújo

Fotografia: Vicente de Paulo Lanna

Ilustrações: Ranfleymar da Cruz,

Clodoaldo Dias e Ricardo Jansen

Editoração Eletrônica e Impressão:

Gráfica Fraternidade, Fone: 394-6013

Av. Das Américas, 777 - Kennedy

Órgão de divulgação da

Fraternidade Espírita Irmão Glacus

Rua Henrique Gorceix, 30

Padre Eustáquio

CEP 30.720-360 - BH - MG

Fone: (031) 462.4327 - 462.6868

(SOS Preces)

VOCÊ SABIA?

BARNARD E A SOBREVIVÊNCIA

Conforme relata o boletim SEI, do Rio de Janeiro, o grande cirurgião Christian Barnard, que há doze anos assombrou o mundo com o seu primeiro transplante de coração, em recente entrevista contou: "Tive, há alguns anos, uma experiência incrível. Estava para ter alta de um hospital onde acabava de me recuperar de hepatite quando a porta do meu quarto se abriu e uma senhora vestida de roupa branca de dormir entrou.

Sem dizer uma palavra, aproximou-se de mim e passou a pressionar meu peito com suas mãos. A pressão foi aumentando e ficando insuportável. Então, segurei-a e a empurrei. Ela era tão magra que senti seus ossos sob meus dedos. Mas para maior espanto ela se elevou do chão atravessou o quarto flutuando e saiu pela janela. Toquei a campainha insistentemente, mas a enfermeira só apareceu quinze minutos depois, desculpendo-se. Explicou que no andar debaixo uma senhora acabava de morrer. Pedi que me descrevesse a senhora e percebi ser a mesma que havia me visitado. Sim, creio que existe vida depois da morte. A vida apenas se modifica em suas manifestações, mas jamais se destrói."

Revista Espírita Allan Kardec. Ano II, nº 6, setembro/1989

MENSAGEM

Meus queridos irmãos.

Dirijo-me aos que aguardam ansiosos as palavras de entes queridos. É bom, sempre lembrar que nem sempre é possível o contato, visual ou escrito, fonado pelo telefone da mediunidade.

As diversas etapas de evolução, isto é, as escalas vibracionais nem sempre podem ser quebradas para a comunicação.

É grande o sacrifício para se passar as mensagens do lado de cá, coerentes e descritivas.

Observem que as vibrações mentais sempre nos atingem e respondemos com as nossas vibrações amorosas de reconhecimento pelas lembranças dos que partiram, em forma de oração, e vocês as recebem com nostalgia e às vezes lágrimas nos olhos.

Lembrem sempre que estamos todos unidos neste caldo chamado Terra, onde aprendemos e evoluímos, para paragens melhores e mais adiantadas espiritualmente.

Estamos, bons ou maus, ao lado de todos vocês, ajudando ou prejudicando, dependendo do nosso intercâmbio vibracional.

Orem por nós, nos lembrem com carinho e amor mesmo que tenhamos prejudicado ou mesmo mudado o modo correto e a felicidade de alguém, pois nos sentiremos recompensados pelo perdão e passaremos a auxiliar ao invés de prejudicar pelo ódio.

Somente o amor constrói para todos evoluirmos e assim nos immanarmos em Jesus, nosso querido mestre.

Obrigado a todos. Hugo Werneck

Reunião de Convívio Espiritual do Terceiro Domingo

Reiteramos a todos o nosso convite para participarem conosco das Reuniões de Convívio Espiritual do Terceiro Domingo.

As reuniões são realizadas na Fundação Espírita Irmão Glacus, à Avenida das Américas, 777, Bairro Kennedy, sempre no terceiro domingo de cada mês. Na oportunidade podemos ouvir os Espíritos da direção da nossa casa, através dos nossos médiuns e recebermos as vibrações amenas dessas tardes gratificantes.

As próximas reuniões serão realizadas em 15 de maio e 19 de junho de 1994, às 15:00 horas.

Contamos com a presença de todos! Vale a pena participar!

Relato Espiritual

Há três anos e meio, estivemos no "campo espiritual" da FEIG com o espírito da nossa irmã Cajé. Estava revigorada, e me informou que trazia da fazenda "Brejo Comprido" espíritos que desencarnaram em complicações de parto.

Seis meses atrás, aproximadamente, reencontramos a nossa Cajé com a Deuzina, magrinha, sorridente e tranqüila. Cajé observou:

— Veja como está bonita, disposta! ...

A visita da Cajé me fez voltar ao nosso primeiro encontro, em 1983. Fomos passear, a Neiry, suas duas filhas, a Patrícia e eu, a convite, uns dias em "Brejo Comprido", no Estado do Maranhão.

Durante a longa viagem, observamos a presteza do irmão espiritual José Grosso, ao evitar que o nosso ônibus colidisse com outro que vinha em sentido contrário. Ele surgiu atravessando o teto do veículo, o que fez com que se desviasse a tempo.

Chegamos ao nosso destino num sábado à noite. Por volta de duas horas da madrugada, um espírito entrou no quarto onde fui instalado; ao ver que já estava ocupado, desculpou-se e se retirou.

O banheiro ficava fora da casa. Ao procurá-lo pela primeira vez, vi um espírito de cor, óculos escuros, sentado num cupinzeiro. Quis voltar rapidamente, quando ele se apresentou:

— Eu sou o Ricardo, o "Azulão" (este espírito pertenceu ao cangaço no tempo de Lampião).

Naquela noite, preocupado, não pude dormir direito. Na manhã seguinte, narrei os fatos a D. Orlandina, nossa hospedeira. Ela esclareceu ser o Ricardo um protegido de seu pai, juiz de direito, que o ocultou por longo período, até o seu desencarne.

Fizemos o "culto cristão no lar", na varanda dos fundos da casa. Fiquei sonolento, e vi então dois

espíritos: o Joaquim, alto, claro, com características bem nordestinas, e a nossa irmã Cajé, baixinha, magrinha, rosto redondo, olhos pequenos. Joaquim disse a Cajé:

— Fale, o moço está te ouvindo! ...

Cajé dirigiu-se a mim:

— Diga à Binoca (apelido de nossa amiga Orlandina, que até então desconhecíamos) que estou tomando conta da fazenda.

Joaquim arrematou:

— Onde está o tesouro, está o coração.

Terminado o culto, contei o ocorrido a D. Orlandina. Ela me explicou que eram espíritos familiares.

Alguns dias depois, fomos almoçar em uma fazenda vizinha, atendendo a convite. Acompanhou-nos o irmão Raimundo. Ao meio-dia, o sol estava a pino sobre as caatingas do Maranhão.

No caminho, vi um cemitério, e algo chamou-me a atenção. Vi o espírito de uma jovem junto a sua sepultura, como se alguma coisa ainda a prendesse ali. Era magra e jovem.

Contei ao amigo Raimundo sobre o que via. Muito surpreso, ele me disse que a moça havia morrido há menos de um mês, de mordida de "bicho bravo" (cobra). A jovem havia agonizado dois dias. Seu nome era Deuzina.

Condoeu-me aquela cena. Ao retornarmos do almoço, passamos pelo mesmo lugar, mas não vi mais nada.

Uma semana depois, recebemos outro convite, para almoçar na fazenda do Sr. João. Aguardava o almoço deitado em uma rede, quando se aproximou de mim um espírito de mais ou menos doze anos de idade. Ele me olhou e foi para a cozinha. Quando a dona da casa veio ao meu encontro, o garoto estava com ela, segurando em seu vestido. Contei o que tinha visto para D. Orlandina. A mãe da criança, ao ouvir-me, com lágrimas nos olhos, disse-nos que tinha perdido seu filho com uma picada de cobra, há alguns anos,

e que o seu nome era Joãozinho.

Numa noite bela e estrelada, estávamos sentados, conversando sobre assuntos diversos, quando vi um espírito meio "abobado", que batucava numa lata e pedia comida. Ele percebeu que eu o via e, gesticulando, mostrava o que havia acontecido com ele, e que estava enterrado naquela região.

D. Orlandina informou-me que aquele rapaz tinha o hábito de pedir alimento nas fazendas das redondezas, batucando na lata, e que ele andava desaparecido, mas desconhecia a sua morte.

Fizemos um culto onde estava presente um casal de empregados da fazenda, que moravam próximos da casa grande. Quando terminou o culto, marido e esposa se retiraram. De repente, voltaram correndo, dizendo que havia uma luz "rodeando" a casa.

Dentro da casa, uma criança de dois anos dormia; havia uma cobra na sala. A criança corria perigo; deduzimos que a luz era a proteção espiritual do culto em favor daquelas pessoas.

Retornamos a Belo Horizonte. Lembranças felizes, novas amizades conquistadas. A viagem ao Maranhão teve seus frutos. Nossa irmã Cajé está hoje em tarefa no "campo espiritual" da Fraternidade Irmão Glacus. Diversos espíritos daquela área vêm sendo ajudados na FEIG.

Nada acontece por acaso. Não foi por acaso este nosso passeio ao Nordeste brasileiro. Lembremo-nos de que os nossos mentores Palminha e José Grosso são espíritos que já viveram naquela região.

Este relato foi feito pelo médium Enio Wendling. - 13.04.94

Nossos mentores

EUGÊNIO

Eugênio Monteiro foi médico em Roma, no ano 79, e contemporâneo de Glacus. Chamava-se Vinicius Pompilio.

Em sua caminhada no plano terrestre, viveu mais tarde na Espanha, novamente como médico e contemporâneo do Dr. Garcez (Glacus). Chamava-se então Velasquez.

Em 1722, vamos reencontrá-lo como cardeal, em Paris, já preocupado com as questões da alma.

Mais recentemente, vemos o nosso amigo espiritual em Belo Horizonte, entre o final da década de 30 e o início da década de 40, como diretor de reuniões públicas do Centro Oriente. Grande estudioso da doutrina espírita, dirigente mediúnico seguro.

Naquela época, as reuniões públicas processavam-se permitindo manifestações tanto de espíritos diretores da casa quanto de espíritos necessitados. Os médiuns mais atuantes possuíam

grande vidência: Jorge Miguel, que recebia o guia espiritual Uruguaiano, D. Ernestina Rocco, D. Maria Wendling e tantos outros...

Eugênio Monteiro trabalhou em artes gráficas, executando inclusive serviços de "arte final" de publicações. Foi contemporâneo e colaborador do nosso irmão Rubens Romanelli. Desempenhou ainda tarefas no Hospital Espírita André Luiz. Temos conhecimento de que foi amparado, em seu desencarne, por médiuns amigos então desencarnados, e por mentores que o acompanharam em seu trajeto como dirigente mediúnico. Após alguns anos de adaptação no plano espiritual, nosso amigo abraçou a tarefa do receituário, colocando em prática os conhecimentos médicos adquiridos em vivências anteriores. Transmite na FEIG orientações e mensagens através do médium Carlos Catão. É com grande alegria que o temos aqui, na casa de Glacus.

O MERCADOR DE ALMAS

Para Emmanuel C. Sales.

"O dinheiro de Jesus é o amor. Sem ele, não é lícito aventurar-se alguém ao sagrado comércio das almas".

Caminho Verdade e Vida — Emmanuel / Chico Xavier

O vento continuou a soprar sobre Jerusalém, à medida que a noite avançou. Já o fizera durante todo o dia, de modo que à tarde, quando o firmamento se cobriu de nuvens, as ruas assumiram de vez aquele tom triste que têm os lugares abandonados.

Os poucos que saíram de casa, e em geral para ir ao templo devido a algum compromisso religioso, tinham de enfrentar o choque incômodo da areia soprada contra a pele, assim como o prenúncio de chuva.

Josafá abriu a porta tão aborrido em seus pensamentos que só percebeu a ventania a arrastar a poeira e algumas poucas folhas secas quando já estava fora de casa.

Foi então, perto da hora sexta daquele sábado, ao se ver defronte àquela rua estreita, onde nascera e crescera, que lhe começou uma estranha sensação. Algo dentro dele lhe dizia que o que fosse feito a partir daquele momento seria apenas uma repetição, como se ele copiasse um ato já realizado, e que se tornara desnecessário.

Por lhe faltar uma lembrança nítida em que pudesse comprovar o que sentia, tomou tudo como ilusão e seguiu em direção ao seu destino.

Assim que dobrou a esquina, porém, e encontrou a rua principal completamente deserta, o mesmo sentimento lhe voltou com mais força.

Olhou ao redor e os únicos movimentos que viu foram dos pequenos remoinhos a fazerem girar os grãos de areia sobre o chão. O vento viajava mais rápido, e deixava atrás de si um sussurro rouco, causan-



do uma incômoda sensação de abandono.

Ele seguiu em frente procurando algo em que pudesse dissipar esse estado íntimo angustiante, mas cada passo que dava era como o reflexo de outro, dado sobre aquelas mesmas ruas, num outro tempo do qual ele não conseguia se recordar.

Corria ainda a hora sexta, quando alcançou o mercado. Nenhum estabelecimento estava aberto. O judeu fixou na mente a lembrança do burburinho das pessoas envolvidas em seus negócios, nos outros dias, como forma de se libertar do vazio opressivo que tomava conta dele mesmo e de tudo ao seu redor.

Fechou as duas portas que conduziam até sua sala, dentro de sua loja, num esforço derraideiro que o separava das coisas que aconteciam lá fora.

Nem percebeu as densas nuvens tomando o firmamento.

Lá dentro, a variação de intensidades que projetava a chama da lâmpada nos objetos, lhes dava uma vida diferente. As sombras lhes encobriam, pela falta de luz solar, a forma, e era preciso fixar a vista para reconhecê-los.

Tudo parecia distante para Josafá.

Ele estava alheio ao mundo ao redor.

Olhou os objetos de sua sala, tentando se recordar das datas e circunstâncias em que foram comprados. Eram metais, móveis, tapetes, de ótima qualidade, mandados vir de distantes locais no mundo mas, ainda assim, e mesmo lhe tendo custado todos um alto preço, não se recordava praticamente de nenhuma circunstância em que os adquirira.

O único sentimento que descobria era quanto à rústica mesa que pertencera a seu pai, junto à qual estava sentado. Ao lado dela, o ouvira lendo passagens do "Livro da Lei", assistira seu trabalho, buscando aprender-

lhe os detalhes e tanto mais vivera.

Foram inúmeros os momentos de entrelaçamento familiar, quando sua mãe se aproximava deles, já ao redor do móvel, e os envolvia com um gesto de carinho, ou uma palavra afetuosa.

Josafá depôs sua cabeça nas mãos sobre a mesa, quase que forçado pelo peso de suas recordações. Relembrou, então, seu pai, a reunir os últimos papéis, antes da viagem que fariam, pai e mãe, motivada pelo óbito de seu avô materno. A lembrança daquele homem maduro levantando-se da cadeira a fitá-lo, com um olhar nitidamente de confiança, causava-lhe muito mais dor, do que as palavras que ouvira de sua boca, quanto aos procedimentos que devia tomar enquanto estaria fora.

Pouco mais de dez anos o separavam do dia em que os viu se afastando em direção a Joze, onde tomariam um barco para Cesaréia, terra natal de sua mãe. Mas a revolta contida mantivera as lembranças intactas.

O barco em que viajavam, possivelmente devido a uma tempestade, afundou nas águas do Mediterrâneo. Ninguém pode explicar. Não houve restos, ou corpos.

Com o passar do tempo, aceitou-se a tragédia.

O jovem judeu ficou um ano a buscar algum indício. Interpelou marinheiros, seja de navios mercantes ou romanos, em todos os portos vizinhos, acerca de qualquer informação que o pudesse orientar.

Nada descobriu.

Agora, na sua sala na loja, quase uma década depois, era obrigado a reconhecer, em meio às sombras que o envolviam, o vazio que se tornara sua vida, depois da morte de seus pais.

Haviam de fato passado anos e anos, mas ele não os tinha vivido.

Enquanto se mantinha aborrido nesses pensamentos, o

vento ia intensificando sua força sobre Jerusalém.

Ele só foi se desviar deles próximo à hora nona, com o barulho de quatro batidas secas na porta de fora. A entrada foi aberta para dar passagem a dois árabes. Estes e o judeu, acostumados à mecânica do negócio que fariam, mal trocaram palavras. Apenas seguiram para a segunda sala. Tudo havia sido previamente acertado na cidade de Jope, de forma que o encontro era somente para acertar detalhes e efetuar o pagamento.

A reunião, mesmo marcada para um dia santo, não levantaria maiores suspeitas. Os outros mercadores, por sabermos que Josafá negociava especiarias compradas em nações distantes, não estranhavam esses encontros pois as caravanas e os navios que atracavam nos portos mais próximos, não tinham dia certo para chegar e precisavam partir com presteza.

O judeu, por conhecer essas necessidades, mesmo não sendo afeito a qualquer prática religiosa, contribuía vez por outra, à vista de todos, com farta quantia para o templo, e assim evitava maiores indisposições dos religiosos para com as suas atividades.

Quem procurasse sua loja poderia comprar móveis, jóias, tapetes, tecidos, vinhos, cerâmicas e outras manufaturas, vindos dos mais diversos lugares do mundo. Artigos que muitas vezes usava como presentes, mantendo amizades valiosas.

Josafá mantinha portanto, perante a sociedade, um negócio rentável e seguro, não pelo estabelecimento de Jerusalém, uma cidade sem tradições comerciais e mais afeita aos aspectos religiosos. Seus maiores lucros provinham, aos olhos de todos, da outra loja, situada em Jericó. Somente conservava o estabelecimento de sua terra natal, pela sua posição estratégica, devida à sua maior proximidade com o Mediterrâneo.

Os árabes, pois, acertaram os detalhes da entrega do que compraram, deixando ali trinta

moedas de ouro.

Sairam em seguida, enfrentando a força do vendaval.

Começava então a hora nona. O judeu efetuou num livro, com um código secreto, o registro do negócio realizado.

Quando fechava a porta do baú, guardado num dos locais secretos em sua loja, onde estava distribuída parte de sua imensa riqueza, a chuva começou a cair sobre a cidade.

Ele tentava achar em si a mesma satisfação que lhe causava no passado o aumento de suas posses. Enriquecer fora o intento de sua vida, após a morte de seus pais. Recordou o baú já repleto de moedas, diamantes, rubis e outras pedras, taças de ouro com incrustações, colares, anéis e por mais que buscasse revelar em si alguma excitação, nada lhe surgia, como se a sua fortuna não valesse um óbolo.

Buscou ainda, em vão, se firmar na cuidada organização que arregimentara junto a si, e principalmente nos exércitos romanos, que lhe garantia seus negócios. Mas nenhum ânimo se lhe revelou.

Em verdade, algo nele, uma voz íntima e misteriosa há tempos lhe vinha dizendo da enormidade do erro que praticava realizando seus negócios. Josafá recusava-se a ouvi-la, mas ela dia a dia lhe ia aquebrando a resistência e, por maiores fossem as suas forças, o homem que entrou em sua loja naquele sábado, nem mais sentia em si, porque o estava fazendo.

A bela mulher, roubada havia cinco meses, nas mais recentes dominações romanas, foi paga a ele pelos dois árabes, a mando de um sultão. O negócio havia sido tratado uma semana antes, no porto de Jope, e para sua maior segurança, o pagamento seria feito em Jerusalém e a entrega, somente no dia seguinte, nas cercanias de Jericó.

Suas lojas de especiarias eram, na realidade, sua menor fonte de lucros e uma forma de camuflar o tráfico. Por sete anos, ele vinha negociando escravos, em geral mulheres para os haréns na Arábia.

Uma rede bem montada permitia que fossem transportadas, entre Jerusalém e suas cidades vizinhas, como se fossem apenas especiarias exóticas, as pessoas por ele negociadas, de forma que ele, todo esse tempo, manteve suas atividades sem que ninguém desconfiasse o que estava de fato acontecendo.

Sempre mantivera, cauteloso, em segredo a maior parte de sua imensa riqueza. Mas, Josafá, o dono dos maiores haveres em Jerusalém, ele que se dizia, às vezes, com vaidade, um "mercador de almas", naquela tarde iria perder a posse dele mesmo.

Abriu a porta para ir para casa e quando se deparou com a forte chuva que castigava a cidade, a sensação de que estava revivendo um acontecimento lhe voltou com toda a força.

Com os braços encolhidos, caminhando junto às paredes, fazia o que podia para se proteger da precipitação. Foi seguindo ainda, algum tempo, a evitar que a chuva o encharcasse por completo, até que encontrou um seguimento sem paredes ou prédios. Ali, junto à visão mais larga que se lhe ofereceu, ao se ver de todo molhado, ele ergueu o corpo de modo a enxergar melhor o que tinha à sua frente.

Então, ante o Gólgota ao longe, uma visão lhe surgiu, como se fosse materializada das grossas gotas d'água que despencavam do firmamento.

Josafá esfregou os olhos ten-

tando apagar o que via, mas a imagem se mantinha à sua frente, com seu impressionante formato, que embora todo definido, deixava ver através de si, como se fosse de um cristal diáfano, a tenebrosa e triste visão do Calvário.

O judeu permanecia imóvel, não por medo, mas por não encontrar em si uma reação para fugir. Não recordava ter visto na vida alguém mais triste. "Decerto — pensou — pelo sofrimento que carrega".

A visão o mirou nos olhos longamente, e lhe fez uma pergunta que o fez recordar por fim quando foi que tinha vivido o que se repetia para ele naquela tarde.

— Por que, Josafá, me crucificaste novamente?

Jesus, com o sangue a lhe escorrer sobre a testa devido aos ferimentos que a coroa de espinhos lhe causara, com uma cruz sobre os ombros já feridos pelas chicotadas, com o manto todo ensanguentado, virou depois as costas e seguiu em direção ao Calvário.

Só quando Suas formas começaram a se dissipar, como dissolvidas pela água da chuva, o judeu encontrou forças para perguntar:

— Para onde vais, Senhor?

Mas vários salteadores surgiram, em seguida, agredindo-o, e fazendo-o tombar inconsciente sobre o chão.

Leia a continuação dessa história na próxima edição do jornal "Evangelho e Ação".

Pedro Quezado F. Júnior.

O S O R R I S O

Nada custa, mas cria muito. Enriquece os recebedores, sem empobrecer os doadores.

Dura apenas um segundo, mas muitas vezes a memória o guarda para sempre.

Traz felicidade ao lar, alimenta a boa vontade nos negócios, é a senha dos amigos.

Serve de repouso para o fatigado, de incentivo para

o desanimado, de alegria para o triste.

É o melhor antídoto da natureza contra o mau humor.

É o maior cartão de visitas, acalma os nervos e faz melhorar a circulação dos vasos sanguíneos: traz harmonia a todo nosso organismo.

Enfim, dá brilho aos olhos e simpatia ao caráter.

Autor desconhecido.

Simpósio da Aliança Municipal Espírita Mineira. Continuação...

Basta ao médium frequentar as reuniões para resolver seus problemas?

Raul - A questão de resolver problemas se torna relativa.

Os "problemas" que o médium resolve no trabalho dedicado à Doutrina Espírita são de ordem moral, porque ele passa a entender porque sofre, passa a compreender porque enfrenta dificuldades na família, na saúde, mas isso não quer dizer que a mediunidade seria o suporte, o apoio para que ele possa vencer, vitoriar a etapa de lutas. Aí percebemos que, se estivermos pensando nestes tipos de problemas físicos, a mediunidade não vai conseguir alijá-los do médium. Mas, não somente aí vamos achar a necessidade do médium, pois deverá ser levado ao trabalho de assistência aos que precisam, à renovação através dos estudos continuados, à participação efetiva, ao ato da caridade que, conforme nos diz o espírito André Luiz, é de iniciar-se pelo dever, tornando-se um hábito até que isso se lhe penetre na alma

em nome do amor, para que se torne um médium sério, sensível, e não um médium que apenas frequenta a reunião, recebe seu "guia", seu "espíritozinho" e depois volta para casa, sem ligar, para o sofrimento da humanidade (não é da humanidade do Vietnã, do Camboja), a humanidade da sua rua, do seu bairro, dessa gente que sofre e que geme à volta de todos nós.

Vemos tantos médiuns preocupados em ouvir o gemido dos espíritos desencarnados e não ouvem os gemidos dos encarnados. Temos outros ansiosos por ver espíritos, sem notarem os que sofrem à sua volta; vários desejosos de materializar entidades, sem a preocupação de espiritualizar-se. Então, para o médium não será importante que ele se ajuste à dinâmica da Doutrina Espírita, no trabalho da caridade, no esforço da renovação deles e daqueles que o cercam.

HISTÓRIAS QUE JESUS CONTAVA

PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Certa vez, estando Jesus a ensinar, "eis que se levantou um doutor da lei e lhe disse, para O experimentar:

— Mestre, que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?

Respondeu-lhe Jesus:

— Que está escrito na lei? Como é que lês?

Tornou aquele:

— "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de toda a tua mente; e a teu próximo como a ti mesmo".

— Respondeste bem, disse-lhe Jesus. Faze isto, e viverás.

Mas ele, querendo justificar-se, perguntou ainda:

— E quem é o meu próximo?

Ao que Jesus tomou a palavra e disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos dos ladrões que logo o despojaram do que levava; e depois de o terem maltratado com muitas feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto. Casualmente, descia um sacerdote pelo mesmo caminho; viu-o e passou para o outro lado. Igualmente, chegou ao lugar um levita; viu-o e também passou de largo. Mas, um sa-



maritano, que ia em seu caminho, chegou perto dele e, quando o viu, se moveu à compaixão. Aproximou-se, deitou-lhe óleo e vinho nas chagas e ligou-as; em seguida, fê-lo montar em sua cavalcadura, conduziu-o a uma hospedaria e teve cuidado dele. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: Toma cuidado dele, e o que gastares a mais pagar-te-ei na volta. Qual desses três se houve como próximo daquele que caíra nas mãos dos ladrões?

Respondeu logo o doutor:

— Aquele que usou com a tal de misericórdia.

Então lhe disse Jesus:

— Pois vai, e faz tu o mesmo." (Lucas, X, 25-37)

LIVRO DOS ESPÍRITOS



Desigualdades sociais

806. É lei da natureza a desigualdade das condições sociais?

"Não; é obra do homem e não de Deus"

a) - Algum dia essa desigualdade desaparecerá?

"Eternas somente as leis de Deus o são. Não vêes que dia a dia ela gradualmente se apaga? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro e isso não depende da posição social."

807. Que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos?

"Merecem anátema! Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros."

MEMÓRIAS DE UM MÉDIUM

FENÔMENOS ESPIRITUAIS

O estudo dos fenômenos espirituais deve, acredito eu, ser intensificado por todas as religiões e ramos da ciência. Eles existem com frequência e muitos de nós, presos aos olhos materiais perdemos grandes oportunidades de aumentar nosso conhecimento e, mesmo, descobrir possíveis soluções para problemas que angustiam nossa alma. Casos contados por amigos, de fundo "fantasmagórico", devem ser levados em consideração pois, de alguma forma, podem valer para futuras decisões no dia a dia na Terra. Vejamos: tendo certeza na continuidade da vida após a morte, com todos os problemas, incertezas da vida material, que devem ser solucionados nesta encarnação ou em outra futura, por que deixar esta vida mais cedo? Só complicaria ainda mais aqueles problemas. Casos de problemas físicos e mentais, por que retornar ao plano espiritual por causa disto? É um problema passageiro que, se soubermos suplantar com dignidade, teremos a perfeição perispiritual quando retornarmos

após a morte física, e a perfeição na matéria se precisarmos reencontrar.

Tudo isto para citar um caso em uma cidade do interior por uma acompanhante de uma enferma, acamada e definhando pela Doença de Alzheimer, caracterizada por uma degeneração da substância cinzenta cerebral (difusa do córtex, com constrição do manto cortical). Esta paciente alterna estados de lucidez com outros de insensatez. Nos momentos lúcidos, diz que deseja morrer pois está sofrendo muito e Deus pode levá-la que já está bom. Nos momentos de divagação cita a presença do esposo, dos pais, alguns amigos já desencarnados, da sogra do filho e diz: "Podem ir embora, vocês não vão me levar. Saíam, saíam". — isso dito aos gritos. Contou-me a auxiliar — de nome Maria — que, no primeiro dia de seu plantão, após fechar portas e janelas à noite, ao deitar a enferma no leito, notou um homem descendo as escadas, em direção ao quarto junto à sala. "Como o senhor entrou, quem é o senhor?" — disse assustada. "Não se preocupe, moro aqui. Meu nome é M..."

e sou o esposo da N..." — disse com tranquilidade. Em seguida, acercou-se da cabeceira da enferma e mantendo a mão sobre a cabeça da senhora N... passou a dizer palavras de extremo carinho. A doente acalmou-se e o senhor M... iniciou um diálogo com a Maria, que mantinha a calma apesar de católica e não acostumada com estes fenômenos. Ao final, o senhor M... despediu-se e, saindo, iniciou a subida da escada sendo acompanhado pela auxiliar que o viu desaparecer em meio a intensa luz. O relato e os dados passados pelo espírito de M... foram contados aos filhos que, mesmo tendo em mãos dados não sabidos pela Maria, preferiram dar "ouvidos de mercador".

Com isto, observamos a veracidade dos acontecimentos espirituais, lembrando que fatos como estes poderiam ser muito mais comuns se estivéssemos preparados, moral e materialmente, para vivenciar no nosso dia a dia as verdades evangélicas ou, como poderia querer algum agnóstico, a fraternidade universal sem limites religiosos.

Vasco de Oliveira Araujo



ESPAÇO JOVEM

II Seminário da Mocidade Espírita Joanna de Ângelis: EM DEFESA DA VIDA

"Defender" e "preservar a vida" são frases bastante comuns em nosso cotidiano. O homem, embora pouco espiritualizado, já traz consigo este instinto de preservação, derivado da maior criação de Deus: a Vida. E este instinto, que o acompanha desde os estágios evolutivos nos reinos primários, vai se aprimorando até, por fim, expandir-se com a aquisição do Amor.

Inúmeros são os movimentos e agremiações humanas que defendem este dom divino. Mas, por outro lado, várias das nossas atitudes, valores sociais e individuais revelam o estágio de ignorância do homem com relação aos involidáveis mecanismos da Vida. Um exemplo claro disso é a prática delituosa do aborto, suicídio, eutanásia e pena de

compareceram, além dos jovens da nossa Mocidade, jovens de Mocidades vizinhas (Caravana de Luz e Exzequel) e os queridos confraternistas da Casa de Glacius.

E lá estávamos... Durante todo um domingo de estudos, reflexões e muita confraternização ficou a certeza de que o aborto, suicídio, eutanásia e pena de morte deixaram de ser incógnitas em nossas vidas, pois tudo o que é analisado pela ótica Espírita-Cristã torna-se mais claro e acessível a todas as mentes. Embora tenhamos discutido temas tão sérios e atuais, saímos bastante alegres e fortalecidos por reconhecer na Vida, a maior manifestação de Deus.

A Mocidade Espírita Joanna de Ângelis agradece por fim, aos expositores (Dr. Antônio Américo, Dr. Jaidir de Paula, Sr. Jairo Avelar, Dra. Neiva Guimarães), aos

NOTÍCIAS



CENTRO DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

1 - CAPITAL - Pessoas de boa vontade, com disponibilidade de três horas semanais para plantão telefônico na Av. 9 de Julho, B. Vista, contactar-nos através do fone (011) 814-3755 B1p 512 Cx postal nº 4604 CEP 01061-970 São Paulo - SP.

2 - INTERIOR - Idem, idem, para plantão telefônico na Av. Dr. Campos Salles, nº 737, centro Campinas SP entrar em contato pelo fone (019)274-

3103 com Meimei ou Manoel. Cx postal nº 1104 CEP 13001-970 CAMPINAS - SP

3 - Os que entenderem digna de apoio essa entidade, podem enviar suas doações para: CENTRO DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

C/C Nº 3.930-6 Ag. 1173-8 CASA VERDE - SÃO PAULO/SP Bco DO BRASIL

C/C Nº 88.063-9 Ag 2417-1 PAULÍNIA/SP Bco DO BRASIL S/A

C/C Nº 24.493-4 Ag 666 PAULÍNIA/SP Bco ITAÚ S/A

Leitura Do Mês



Lázaro redivivo - ditado pelo Espírito Irmão X, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, é o nosso "Livro do Mês", como o qual nos comprazemos em indicar aos nossos leitores, no mês em que se comemora a Doutrina Espírita.

Cinquenta capítulos, no estilo agradável e inconfundível de Humberto de Campos, que se oculta sob o pseudônimo de Irmão X, a obra é um poema de bênçãos, apresentando experiências do dia-a-dia, como lições para serem aplicadas na experiência terrena. Desfilam personagens de várias ordens, apresentando suas interrogações ao amoroso Mestre, que oferece respostas modernas, conforme as necessidades de cada um de nós.

O **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

após o abandono do túmulo. Emocionado, procura o Templo e aguarda as reações positivas de quantos lhe conhecem a história. Ao contrário de ser bem recebido, a chacota e o escárnio são as palavras que explodem na boca dos companheiros de lides, que o chamam de morto e o mandam para os Infernos, porque os mortos, que contrariam a Lei, retornando, não falam.

Estupefato ante a ocorrência, sem ódio ou mágoa, mas com ênfase, diz-lhes o Irmão de Marta e Maria: "— Fariseus, escribas, sacerdotes, adoradores da Lei e filhos de Israel: aquele que me deu a vida, tem suficiente poder para dar-vos a morte!"

Colhidos pelo inesperado da resposta, afastam-se os acusadores e ele passa, estóico, de retorno ao Lar.

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

o **Lázaro redivivo** trouxe a certeza da existência da vida após a morte, verdadeira alegria de retornar à convivência dos vivos,

BAZAR DA PECHINCHA

... eutanásia e pena de morte deixaram de ser incógnitas em nossas vidas, pois tudo o

das reuniões mediúnicas da FEIG e a todos os que contribuíram com a organização, mostrando até, por fim, ex-

que é analisado pela ótica

do de Francisco Cândido Xavier,

escárnio são as palavras

E nós, tra

Seara Espírita

... eutanásia e pena de morte deixaram de ser incógnitas em nossas vidas, pois tudo o que é analisado pela ótica Espírita-Cristã torna-se mais claro e acessível a todas as mentes. Embora tenhamos discutido temas tão sérios e atuais, saímos bastante alegres e fortalecidos por reconhecer na Vida, a maior manifestação de Deus.



CANTINHO DA CRIANÇA

CARTAS DO *Leitor*

Queridos amigos,

Hoje é que recebi nosso Jornal, graças a Deus e aproveite esta oportunidade para agradecer-lhes por tudo quanto têm feito por mim, por nós, através destas páginas de luz esclarecedoras, que Jesus os abençoe e os inspire sempre,

no bem, no amor ao próximo...
... Desde já, abraços fraternos a todos vocês e que Jesus continue os iluminando, nesta tarefa maravilhosa que é ajudando a tantos.
Deus lhes pague.

Maria da Glória Soares Vespasiano - MG.

A SEMENTE

ROQUE JACINTO. ADPT. CLOVISIANO BIAS.

UM BOM SENHOR, AS PORTAS DA RESEN. CARNAÇÃO, CHAMOU PARA JUNTO DO LEITO O SEU ÚNICO FILHO, MINDINHO, DEZENDO-LHE EM DESPEDIDA:

MEU GAROTO, MAMA TENHO DE VILUOSO PARA DAR-LHE, DEIXO-LHE, PORÉM, A MALHADA, NOSSA VAQUINHA, E ESTAS SEMENTES DE BOM CAPIM.

SIM, MEU PAI.

LEMBRE-SE MINDINHO TRÁDUO E PERSISÊNCIA SÃO INDISPENSÁVEIS PARA QUE DEUS ABENÇOE AS BONS OBRAS. FAÇA, POIS, O BEM AGUE E SEMPRE E UM DIA VOCÊ COLHERÁ OS RESULTADOS.

FOI ASSIM QUE MINDINHO FICOU COM MALHADA E COM AS SEMENTES.

OS MESES CORRAM, SEM QUE ELAS SE ATIVASSE.

... E MINDINHO, À TARDE, PUNHA-SE A REVOLVER PENSAMENTOS DE DESALENTO, QUANDO AS SEMENTES QUE O PAI LHE CONFIAVA.

MALHADA QUE SE ALIMENTAVA OUA SE SEM PASTO, FORA MANHÃ OUBA DIA O SEU POUCO LEITE AO JORNAM.

ORA, SIM... SEMENTES DE CAPIM!

UM DIA, ALEGANDO ESTAR FARTO DE VIVER NAQUELE SITO TÃO POBRE, RESOLVEU VAGAR PELO MUNDO, À PROCUA DE MELHORES OPORTUNIDADES.

SOLTOU-A MALHADA E TOMOU AS SEMENTES. AO LONGO DO CAMINHO, POR ONDE VAGAVA, ATIROU-AS A ESMO. RESMUNHAVA SEMPRE QUE, AFINAL, O PAI PODERIA TER-LHE DEIXAL DO ALGUMA COISA DE MAIOR VALOR QUE O FORRASSE DAS ADVERSIDADES DE UMA EXISTÊNCIA POBRE.

OS ANOS ESCORAM LENTAMENTE. MAS SUAS ANDAÇAS, SEMPRE QUE MINDINHO DE PARAVA COM ALGUMA VIVENDA ABASTADA, SEUS PENSAMENTOS MAIS AMARGOSOS SE VOLTAVAM CONTRA O VELHO PAI.

DEIXOU-ME APÓS UMA VAQUINHA E SEMENTES DE CAPIM? POR QUE NÃO DEIXOU LOGO UMA FORTUNA, PARA QUE EU PUDESSE VIVER COM DESPREZOL PAZAO?

DE AMARGOR EM AMARGOR, DE ENFERMIDADE EM ENFERMIDADE, EIS QUE SE RENDEU À CONDIÇÃO DE MALTRALHO ANDARILHO, VIVENDO DE ALIMENTOS QUE LHE DAVAM DE PORTA EM PORTA.

UM DIA JÁ ENVELHECIDO, APÓS TANTAS VOLTAS SEM RUMO CERTO TERMINOU POR RETORNAR AO SITO QUE ABANDONARA. MAL PISOU NA ESTRADA, FICOU DESLUMBRADO.

MUMA CASA, ARRISCOU TÍMIDA INDAGAÇÃO:

OS OLHOS DO HOSPEDEIRO ILU. MIMRAM-SE.

ESTA NÃO ERA UMA REGIÃO POBRE?

AI, MEU CARO! HA' ALGUNS ANOS, ALGUÉM DE CORAÇÃO SÁBIO E GENEROSO ES. PALHOU POR ESTES CAMPOS ESOL. CIDOS, ALGUMAS SEMENTES DE UM MARAVILHOSO CAPIM...

OS CAMPOS, ANTES ÁRIDOS, ESTA VAM COM VERDES PASTAGENS, E DE TRECHO EM TRECHO ESPRAN TAVA-SE, POR ENCONTRAR-SE COM FAMÍLIAS QUE OUTRORA ERAM MUITO POBRES. NUNQUAM LHE NEGARA PÃO E LEITE.

ENTÃO COMO SE EXPLICA ESTA TRANSFORMAÇÃO?

NÃO BASTAHO 1950, DEIXOU QUE UMA VAQUINHA AQUI PERAMBULASSE, TRAZENDO-NOS LEITE E MUITOS BRIZERROS.

LEMBRANDO-SE DAS PALAVRAS DO PRÓPRIO PAI, AFIRMOU JÁ SEM NENHUMA REVOLTA.

COM O CAPIM E A VAQUINHA, REUNIDOS AO TRABALHO E À PERSISÊNCIA, DEUS ABENÇOU O MOSSO ESQUECIDO VALE. A' TUDO SE TORNOU FÉRTIL E HOJE, GRACAS AO QUERIDO DESCONHECIDO, TODOS SOMOS FELIZES.

OUVRO PERMANECER NESTAS PASTAGENS.

SEJA BEM-VINDO! DEMONSTRANDO-LHE A NOSSA ALEGRIA EM RECEBÊ-LO DOU-LHE ALGUMAS SEMENTES.

MINDINHO JÁ ENVELHECIDO, RESOLVEU COMEÇAR DE NOVO, DO POURO EM QUE SE INTERDISPERA. LEVAVA EM SUAS MÃOS ALGUMAS SEMENTES DO GENEROSO CAPIM. FIM

MINDINHO OUVU ARREPENDIDO.

EVANGELIZAÇÃO INFANTIL

Todos os sábados às 15 horas, na Fraternidade Espírita Irmão Glacus, é feita a Evangelização Infantil. Com seriedade e disciplina os evangelizadores trabalham com as crianças de 3 a 14 anos. Todos os pais precisam cons-

cientizar-se da importância da evangelização, preparando assim as crianças para o amanhã. Venham ou tragam suas crianças para mais esse trabalho de amor. *Evangelizar é trabalhar a semente do amanhã.*



AQUI VOCÊ TEM SEMPRE UM AMIGO PARA OUVI-LO DIARIAMENTE, DANDO UMA MENSAGEM DE AMOR, OTIMISMO E CONFIANÇA.

(031) 462 6868
DAS 08:00 ÀS 23:00 Hs.

ASSINATURA

Se você deseja tornar-se um leitor do Evangelho e Ação, preencha os dados abaixo, enviando-os à Fraternidade Espírita Irmão Glacus - Jornal Evangelho e Ação - Rua Henrique Gorceix, 30 - Padre Eustáquio - Cep. 30.720-360 - Belo Horizonte - MG.

A assinatura é gratuita mas os interessados em qualquer contribuição, poderão fazê-la através de cheque nominal cruzado à Fraternidade Espírita Irmão Glacus

NOME: _____
 ENDEREÇO: _____
 BAIRRO: _____ CEP: _____
 CIDADE: _____
 ESTADO: _____

IMPRESSO